



RAÍZEIROS DO CERRADO: Uma opção popular

Jael Flávia de Paiva Araújo

Discente do 4º ano de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG/CCSEH), bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq),
jaelfpa@hotmail.com;

Poliene Soares dos Santos Bicalho

Doutora pela Universidade de Brasília (UnB), docente do curso de História e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Universidade Estadual de Goiás (UEG/CCSEH). Atualmente realiza Estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-UnB (PPGAS-UnB).
Poliene.soares@hotmail.com

RESUMO: O interesse desta pesquisa é ajudar a ciência a aprimorar as técnicas utilizadas, ressaltando que a tradição, principalmente a dos raizeiros, por mais que seja cunhada nos hábitos, é praticada por algum motivo de essência racional. A falta de trabalhos voltados para o estudo da botânica e da ecologia do cerrado, pelo viés histórico, torna este trabalho desafiador, já que nos cursos de História os aspectos ambientais são, muitas vezes, negligenciados, mesmo sendo decisivos para a compreensão da cultura e da formação social de um povo. É possível perceber que em Anápolis/GO o desenvolvimento econômico sufocou várias práticas culturais, como a cura por meio de elementos puramente naturais praticados pelos raizeiros e benzedeiros. Os raizeiros encontrados nas ruas do centro da cidade, em sua maioria, não eram próprios da região, mesmo possuindo vínculos com o tipo da vegetação local.

Palavras Chaves: Raizeiros. Saber Popular. Anápolis/GO.

APRESENTAÇÃO

É fato que todos os seres vivos possuem íntima relação com o meio em que vive, seja ele natural ou modificado pela ação do homem. Isso ocorre porque o ser humano só existe em conjunto, seja com outros indivíduos da mesma espécie, seja com a natureza, não é possível viver isoladamente. Há experiências históricas de pessoas que, durante boa parte da infância, viveram isoladas de grupos humanos, como é o caso das crianças lobo, Amala e Kamala, recorrentemente citado. Mas, isolado do mundo natural é impossível existir vida humana.

Direta ou indiretamente, o meio interfere na realidade de cada indivíduo. Todavia, ressalta-se que não é o objetivo desta pesquisa realçar determinismos biológicos e



geográficos, mas sim, examinar e analisar a condição ambiental nas relações homem-natureza em situações históricas específicas. A natureza se encontra no cotidiano não apenas representado pelo espaço, mas também em aspectos da cultura, como por exemplo, nos tipos de alimentação, no vestuário, nas moradias e, principalmente, nas religiões, nos mitos e nas manifestações de cura.

Por ser uma especificidade de grupos humanos, os aspectos culturais podem se misturar a partir do processo de transculturação¹. A cultura está em constante movimento, não só a partir das condições históricas necessárias à sua continuidade, mas também quando há uma aproximação com o diferente, ou seja, quando em situações de contato, uma cultura se impõe sobre a outra. O choque cultural provoca o estranhamento, como exemplo, podemos observar a dualidade dos conceitos eurocêntricos civilização e barbárie. A civilização por muito tempo foi o símbolo do progresso, os que não faziam parte da civilização eram considerados bárbaros e inferiores em todos os aspectos, inclusive cultural, político e militar. A civilização também contrasta com o termo selvageria, que, segundo Morgan (2014), estaria em um estágio inferior ao de barbárie. Os indígenas brasileiros, no período da colonização, estariam no estágio da selvageria, os povos africanos no estágio da barbárie e os homens brancos no estágio da civilização.

A Antropologia, a Sociologia e a História são as ciências responsáveis por estudar os comportamentos e os modos de vida humana e, para complementar estas áreas do conhecimento, a Etnobotânica e a Ecologia contribuem com novas informações sobre o meio ambiente. Para pensar estas problemáticas, estabeleceu-se a seguinte divisão: o primeiro tópico busca explicar que o Cerrado não é um simples bioma, mas, parafraseando Leopoldo Magno Coutinho (2000; 2006), trata-se de um domínio morfoclimático e fitogeográfico. E o segundo tópico tem como objetivo compreender, de forma mais aprofundada, as relações das sociedades locais com a natureza e, por fim o terceiro tópico visa esclarecer o posicionamento dos raizeiros que vendem os seus produtos no centro da cidade de Anápolis/GO.

¹ Segundo Ortiz (2001), transculturação é o termo mais apropriado para substituir o uso do termo aculturação. Para o autor, ocorre transculturação no momento em que se verifica a mistura intensa de culturas em um mesmo local, sobrevivendo ao mesmo tempo várias culturas conjugadas entre si. Na aculturação há a destruição total de uma cultura quando unida a outra considerada dominante.



1. CERRADO: UM ECOSISTEMA EM PERIGO

Em relação ao meio ambiente aqui estudado, o Cerrado, segundo Leopoldo Magno Coutinho (2006), é um domínio morfoclimático e fitogeográfico² presente nas regiões de Goiás, Minas Gerais, Tocantins, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Bahia, São Paulo, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná, Distrito Federal e em pedaços do Amazonas, do Amapá e de Roraima. O Cerrado é comumente considerado uma grande savana, mas não possui uma única fisionomia, pois apresenta três formatos predominantes: o campestre (campo limpo), o savânico (campo sujo) e o florestal.

O espaço sofre as suas modificações, a biota³ e o bioma⁴ mudam, e o ecossistema⁵ não é mais o mesmo. O ser humano reage não apenas de forma biológica, mas também cultural. Os hábitos e os valores têm influências e modificam a realidade local, a partir dos desejos que abrangem a sociedade, ocasionando transformações inevitáveis ao longo da história. Duarte afirma esta concepção, reforçando os laços entre homem e natureza, da seguinte forma:

... os homens já construíram sentidos diversos para o que ele chama de natureza e certamente essa palavra nem sempre designou as mesmas coisas. Não que o mundo natural seja uma mera invenção humana (...). Mas os sentidos dados a ela são criações culturais pelas várias sociedades ao longo do tempo e nas mais diversas partes do mundo. (2005, p. 78)

Em algumas culturas a natureza é um bem sagrado. Em outras, como a nossa, marcada pela modernização da agricultura, pela expansão da pecuária e a extração mineral, a natureza é uma fonte de riqueza material. Por outro lado, o que não é significativo para a grande maioria dos modernos desbravadores é que todo ambiente precisa manter o seu equilíbrio, pois se trata de um bem esgotável, ou seja, que tem um limite de exploração. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015), a região do Cerrado abrange uma área de aproximadamente 2.036.448 Km², compreendendo 23,92% do espaço brasileiro e 97% do território goiano. Segundo estes dados, o Cerrado é o segundo maior ecossistema

² Domínio caracterizado por climas tropicais de caráter subúmido, com uma estação seca e uma estação chuvosa. Constitui o grande Domínio do Trópico Subúmido, coberto por uma paisagem que constitui um mosaico de tipos fisionômicos (COUTINHO, 2006).

³ Conjunto de seres animais e vegetais nativos de uma região (GRISI, 2007).

⁴ Grande comunidade, ou conjunto de comunidades distribuídas numa grande área geográfica, caracterizada por um tipo de vegetação dominante (GRISI, 2007).

⁵ Estrutura do meio ambiente e sua consequente adaptação, assim como os processos tecnológicos ou os sistemas de organização social que possam acarretar para as condições de humana (GRISI, 2007).



brasileiro, abrigando mais de 4.400 espécies vegetais exclusivas, 837 espécies de aves, 67 gêneros de mamíferos, 120 espécies de reptéis e 150 espécies de anfíbios. Para Eiten (1993), citado por Valente (2006), o Cerrado detém 5% da flora e da fauna mundiais e 1/3 da biota⁶ brasileira. É o segundo maior conjunto de animais do planeta, com uma riqueza de aproximadamente 160.000 espécies.

Para Valente (2006), o Cerrado está sendo altamente desmatado. Segundo o autor, é possível que até 2.030 sobreviva apenas 5% da região ainda existente. Sendo que destas, apenas 43% das regiões Cerrado estão preservadas, localizadas em áreas de preservação permanentes (10%), Unidades de Conservação (5%), propriedades particulares (21%) e terras indígenas (7%).

2. SOCIEDADES LOCAIS E SUAS RELAÇÕES COM A NATUREZA

Para fazer uma relação do homem com a natureza é necessário entender, primeiramente, o que é natureza. Para Duarte (2005), a importância dada à natureza aparece em todas as culturas. Muitas vezes ela se apresenta como manifestação autônoma da condição humana, sendo que, desta forma, todos deveriam se redobrar aos seus desígnios para buscar sobreviver ou aprender a lidar com as suas leis e a dominar. Esta percepção estaria presente, segundo William Cronon, na mentalidade iluminista europeia, a partir da qual o homem precisava dominar os seus instintos naturais, por meio da razão, para ser civilizado. Além desta relação, teríamos a noção de natureza judaico-cristã, que enxergava a natureza como a manifestação da palavra de Deus, ou seja, “a Natureza afirmou-se como uma espécie de deidade secular, num mundo laicizado.” (CRONON, 1996 *apud* DUARTE, 2005, p. 79).

Ainda segundo a autora, o mundo contemporâneo carrega em si a ideia de natureza como um jardim do Éden perdido, o seu encontro traria sossego e sensação de bem estar. A natureza é relacionada rapidamente com as imagens de bosques, flores, cachoeiras e outras dádivas que a modernidade privou parcialmente ao homem, pois a mesma não o afastou totalmente da natureza. Esse processo, corolário do desenvolvimento de núcleos urbanos, acarretou em um distanciamento, mas não em uma ruptura. Diante disso, Cronon afirma que a natureza se tornou um bem comercial, ou seja, uma mercadoria (CRONON, 1996 *apud* DUARTE, 2005).

⁶ Conjunto de seres animais e vegetais nativos de uma região (GRISI, 2007).



O surgimento de farmácias de manipulações pode ser citado como um exemplo de comercialização da natureza. Mas, neste caso, não é apenas a natureza que está sendo vendida, mas o saber popular passado, de geração em geração, pelos nossos antepassados. Neste sentido, verifica-se a relevância investigativa deste tema sobre o impacto do comportamento dinâmico da cultura na ciência e o meio ambiente.

A economia de bases sustentáveis começou a ganhar destaque recentemente⁷. Com este modelo, houve um reconhecimento das indústrias locais, das políticas de proteção à diversidade biológica, do extrativismo local para fins medicinais, alimentícios e artesanais. Ainda houve a valorização de chácaras e áreas de preservação voltadas para o ecoturismo e na estrutura de rodovias, possibilitando uma exportação de produtos com menos desperdício e mais lucrativa. As novas alternativas de manejo apareceram tentando conciliar a economia e a preservação da natureza, além de agregar à ciência outros saberes.

Segundo Felfili, Ribeiro, Borges Filho e Vale (2004), o mercado dos produtos locais ou regionais do Cerrado expandiu-se a partir do cultivo das seis principais espécies comercializadas no mercado interno brasileiro, tais como a piaçava (*Attalea spp.*), o Pequi (*Caryocar brasiliense*), a copaíba (*Copaifera langsdorfii*), o buriti (*Mauritia flexuosa*), o angico (*Anadenanthera macrocarpa*) e o barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*). Mas a devastação se reflete nestas atividades econômicas, principalmente no extrativismo predatório da biopirataria⁸.

O conhecimento da natureza é manifestado diariamente entre os raizeiros e raizeiras do Cerrado. Como exemplo, cita-se o papel importante desenvolvido pela Articulação Pacari, organização composta por quilombolas, indígenas e comunidades locais dos estados de Minas Gerais, Goiás, Tocantins e Maranhão, que busca preservar estes saberes através do processo

⁷ As economias de bases sustentáveis estão diretamente relacionadas ao desenvolvimento sustentável. Segundo Barbieri *et. all.* (2010), as discussões a favor do desenvolvimento sustentável surgiram nos Estados Unidos, na década de 1970, mas só ganhou destaque a partir da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), realizada no Rio de Janeiro em 1992.

⁸ Para Santilli (2004) não há uma definição propriamente jurídica do que é biopirataria, mas pode ser definida como a atividade que envolve o uso de recursos genéticos e de conhecimentos tradicionais sem a permissão do Estado, segundo critérios conceituais da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB). O objetivo da CDB é alcançar uma relação harmoniosa entre os países que possuem a biotecnologia e os países que possuem a matéria prima, ou seja, a biodiversidade. A CDB foi criada durante a ECO-92 e fixou-se como um fórum permanente das Organizações das Nações Unidas (ONU), contando com 188 países, entre eles o Brasil, estimulando medidas a favor do meio ambiente e dos saberes tradicionais, como a Medida Provisória nº 2,186-16, de agosto de 2001, que estabelece a proteção dos bens naturais e da cultura de povos tradicionais.



de tombamento do ofício de raizeiros e raizeiras pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); e em publicações como a *Farmacopéia Popular do Cerrado* (2009).

Este projeto foi apresentado como uma iniciativa do Ministério do Meio Ambiente, e nasceu a partir da criação do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos que tem como objetivo definir instrumentos que auxiliem na utilização segura, tanto para a saúde quanto para o meio ambiente, de conhecimentos tradicionais. Além disso, este programa tem como meta a utilização de produtos naturais e fitoterápicos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Em Goiás, a *Farmacopéia Popular do Cerrado* (2009) contou com a colaboração de pesquisadores populares, representantes de farmacinhas comunitárias e de raizeiros dos municípios de Goiânia, Mossâmedes, Sanclerlândia, Ipiranga, Itaguaru, Cidade de Goiás, Nova Glória, Buriti de Goiás e de comunidades quilombolas dos municípios de Teresina de Goiás e Mineiros. As plantas escolhidas para serem estudadas e representar a região foram o algodãozinho e o pé-de-perdiz, apesar de terem sido identificadas 146 plantas utilizadas popularmente⁹.

3. RESULTADOS: UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE ANÁPOLIS/GO

Os raizeiros constituem um grupo que, em sua grande maioria, transmite o seu saber por meio da oralidade. Por esta configuração, a memória é transmitida para as futuras gerações, que dão continuidade ao ofício. Ao historiador cabe a tarefa de transformar esse

⁹ Trata-se das seguintes plantas: “açoita cavalo, algodãozinho, amarelinha, angico, araticum cagão, araticum marolo, arnica, aroeira, assapeixe, azedinha, azeitona preta, babaçu, bacupari, barbatimão, barba de bode, baru, baunilha, bico de tucano, buriti, cabeça de perdiz, cabo verde, cainca, cagaita, cajuzinho, calunga, canela de ema, cansação, capim meloso, capim navalha, capim reis, capitão, carapiá, caroba, carobinha, carrapicho, catuaba, chá de frade, chapadinha, chapéu de couro, cigantina, cipó bálsamo, cipó cabeludo, cipó chumbo, cipó de fogo, cipó faleira, cipó maravilha, cipó moela de frango, cipó parreira, cipó prata, cipó são joão, cipó suma, cipó unha de gato, congonha de bugre, coquinho baboso, coquinho de santo antônio, cravinho, cruzeiro de são pedro, curriola, douradão, douradinha, erva de passarinho, esporão de galo, faveiro ou fava de arara, fedegoso, gabiroba, galinha arrupitada, gervão, goiabinha do campo, gonçalo alves, gravatá, grávideira ou feijão cru, guapeva, guatambu, imbaúba, imbé, imburana, impossível, indaiá, infalível, ipê amarelo, ipê branco, ipê-roxo, jaborandi do cerrado, jalapa, japecanga, jatobá, jequitibá, jurubebinha do campo, joão da costa, lixeira, lixeirinha, lobeira, macaúba, mamacadela, maminha de porca, manacá, mandioquinha, mangaba, maria podre, marmelada, marmelada branca, maruleite, milome, moleque-duro, moreira, mulungu, murici, negramina, nó de cachorro, nó de porco, pacari, pata de vaca, pau d’óleo, pau manco, pau santo, pé de perdiz ou minuano, pequi, piãozinho, pimenta de macaco, porrete malina, quina amargosa, quina doce, rabo de tatu, roseta, ruibarbo, sabão de bugre, sangra d’água, sangue de cristo, sassafráz, sene do campo, sete sangrias, sete folhas, sofre dos rins quem quer, sucupira, susumaré, taia do campo, tapuia do campo, tiborna, tingui, tiú, velame branco, velame amarelo, velame vermelho, veludo, vergatesa e vinhático.” (DIAS; LAUREANO, 2009, p. 185 - 186)



saber transvertido de memórias em história, por meio de seus estudos. A partir desta pesquisa, além de compreender o saber popular, buscamos entender o processo de esquecimento das práticas populares, mediante ao fato de que os costumes são afetados diretamente pelo capitalismo, através da comercialização das raízes como medicamentos alternativos.

Pollack (1989) ressalta que a memória é responsável pelo sentimento de pertencimento do indivíduo na sociedade, portanto, ela está presente nas práticas cotidianas e culturais. Há também, segundo Pollack (1989) e Halbwachs (2006), uma relação entre a memória coletiva e as memórias individuais, formando assim a identidade do indivíduo. A marginalização social ocorre devido à diversidade de práticas socioculturais que podem ter significados diferentes em uma mesma sociedade. O esquecimento pode caracterizar-se pelo silêncio/sofrimento ou pela desvalorização do indivíduo social pelos grupos dominantes.

O meio ambiente e a cultura se cruzam quando o ponto de partida é a população local. O homem usufrui da natureza criando um imaginário que a define, e que pode ser identificado a partir da aplicação de questionários; além disso, o contato cotidiano da população local com a natureza leva à criação de uma identidade coletiva que define o caráter do grupo social. Segundo Halbwachs (2006), identidade coletiva é aquela que “recompõe magicamente o passado” (p. 7), o que é diferente da memória histórica que visa reinventar o passado com dados oferecidos no presente, a mistura das duas memórias seria o cerne da criação da memória individual. Assim, cada raizeiro montou a sua identidade a partir da identidade do grupo em que estava inserido e do contato que teve com o ambiente. A tradição oral se torna cada vez mais importante neste processo, pois é assim que a identidade do grupo foi e é transmitida. Magalhães nos lembra que:

O conjunto de saberes com os fundamentos essenciais das culturas africana, indígena e portuguesa foi denominado de “medicina popular” por Câmara Cascudo. Alceu Maynard, por sua vez, o nomeou de “medicina rústica” – reunião de técnicas, de fórmulas, de remédios, de práticas, de gestos de que os indivíduos lançam mão para o restabelecimento de sua saúde ou prevenção das doenças. Assim, ora um remédio podia situar-se na medicina religiosa, outras vezes na mágica, bem como na empírica (2004, p. 197).

Porto (2007) ressalta que na tradição popular os raizeiros são equiparados a uma espécie de feiticeiro. No catolicismo rústico, os benzedeiros e raizeiros são aqueles que, por



meio de práticas mágicas, são capazes de acabar com quebranto, curar, retirar mal olhado, encostos etc. Segundo Queiroz (1968), o catolicismo rústico surgiu durante o período colonial, pois no Brasil havia pouquíssimos sacerdotes e o povo tinha pouco conhecimento sobre o catolicismo oficial. Portanto, criou-se uma adaptação espontânea marcada pelo sincretismo e pela imaginação popular.

Queiroz (1968) lembra que o sincretismo com as religiões indígenas não foi muito significativo, ou seja, ficaram silenciadas na memória coletiva do povo brasileiro; por outro lado, as religiões de origem africana sobressaíram em várias regiões, principalmente no Nordeste. Para a autora, nas regiões afastadas das grandes cidades, o catolicismo popular do colonizador foi mais preservado, apesar de também misturar-se com outras crenças. Tanto os benzedeiros quanto os raizeiros possuem origem social marcada pela religião, mas praticam as suas crenças de maneira singular, diferente daquelas que foram propostas pela Pontifícia Igreja Católica Romana. Isso se dá por causa da transculturação entre os povos de origem europeia, de matriz cristã, e os povos indígenas e de origem africana, que tiveram mais contato com a terra. Freitas *et. All.* destaca que:

... Além da maior parte dos brasileiros se dizer católica (cerca de 75%), grande parte dos antigos “mateiros” detentores do conhecimento das plantas no Brasil, eram adeptos desta religião, inclusive os descendentes de povos indígenas e de escravos de origem africana... (2012, p. 150).

No Cerrado goiano estas relações são marcantes, como é possível perceber na obra *Comunidade Negra no Cerrado: Narrativas de curas e remédios*, organizada por Olga Cabrera e Alexandre Martins de Araújo (2007). Magalhães (2004) relembra, ainda, a importância deste conhecimento durante a Guerra do Paraguai (1864 - 1870), na qual os Xavantes e os Xerentes desempenhavam o papel de médicos para as tropas brasileiras.

Diante do crescimento da cidade de Anápolis/GO, impulsionado pelo capitalismo industrial, a cidade recebeu o Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA). A forte industrialização gerou consequências para a cidade, tais como: migrações, valorizações de imóveis, periferação, verticalização, polinucleação urbana e o crescimento de uma elite burguesa que controla os grandes comércios locais (GARCIA, 2012). O crescimento da cidade e a influência do DAIA, com a formação de mão de obra especializada, contribuíram para que fosse criada em Anápolis uma grande quantidade de farmácias, embora os produtos



naturais ainda sobressaíssem na região, devido à eficiência em aliviar os sintomas de enfermidades populares, como sinusite, pedras nos rins e até mesmo gripes.

Porém, a maioria dos raizeiros encontrados no centro da cidade não são anapolinos. Possivelmente, o crescimento urbano da região prejudica o cultivo de produtos naturais para fins comerciais, devido ao pequeno espaço dos loteamentos e o vínculo de empregabilidade que a população mantém com o setor industrial. Garcia (2012), observando os dados de 2011 da Associação Comercial e Industrial de Anápolis (ACIA), detectou que apenas o DAIA emprega 43,6% da população, número de emprego superior à soma do setor de serviço das três maiores regiões da cidade: Jaiara (4,7%), Jundiá (9,8%) e Setor Central (25,9%). Portanto, o crescimento urbano, que impede o cultivo de plantas medicinais, pode estar silenciando o saber popular.

Entre os raizeiros entrevistados notou-se que todos eram membros de uma única família de São Miguel do Araguaia-GO, que costumam vir para Anápolis para vender seus produtos. Nesta família, o saber é transmitido dos pais para os filhos, como se percebe na resposta de R1 (31 anos), “Minha mãe trabalha como raizeira faz uns 25 anos, eu trabalho só de vez em quando”. Os outros raizeiros são R2 (43 anos, 22 anos como raizeiro), primo de R1, R3 (43 anos e 18 como raizeiro) e R4 (19 anos e 5 anos como raizeira), que trabalha junto com o pai, também raizeiro. R4 é a única que nasceu em Anápolis, mas o seu pai é de São Miguel do Araguaia.

Apesar de se tratar da mesma família, as respostas sobre a época em que estas plantas são colhidas na natureza foram diferentes. Um deles respondeu que só se colhe em maio e julho, a partir de agosto começa a época da chuva e daí por diante para de colher (R3); outros responderam que se colhe o ano inteiro (R1); e outro respondeu que só colhe na época da chuva, “porque com o sol quente as folhas e as flores caem, ficando difícil de achar no campo” (R2). Quando questionados se eram eles que colhiam, também houve uma diversidade de respostas: “A maioria das plantas vem por um fornecedor de Aparecida de Goiânia. Algumas também são buscadas no mato” (R2); “colhe no cerrado, na mata, na orta, no campo” (R4); “colhe na mata, no cerrado”; “eu compro tudo, vem do Pará pra nós” (R3).

Ainda segundo os raizeiros, eles não vendem plantas que são tóxicas, pois todas fazem bem para a saúde, mas, alerta R4, “se usar em excesso pode ser sim um venenosa.



Porque raízes são fortes”. De fato há várias plantas medicinais tóxicas, como a buchinha (*Luffa operculata*), que provoca espirros e descongestionam as vias respiratórias, dando a falsa impressão de alívio e tratamento de rinites e rinosinusites (MENON-MIYAKE *et. all.*, 2005). Questionados sobre quais as raízes de plantas que podem ser usadas e qual é o seu benefício, R2 respondeu mais detalhadamente: “pé de perdiz serve para infecção de urina, *manacá* serve para reumatismo e gota, *jurubebinha* serve para o fígado e para o estômago, *mama cadela* é depurativo do sangue, *algodãozinho* serve para infecção dos rins e para a urina”. Os entrevistados desconheciam lendas, crenças e histórias sobre as plantas que vendiam.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Alexandre Martins de. **Comunidade Negra no Cerrado**: narrativas de curas e remédios. Olga Cabrera (Org). Goiânia: CECAB, 2007.

BARBIERI, José Carlos; VASCONCELOS, Isabella Freitas Gouveia de; ANDREASSI, Tales; VASCONCELOS, Flávio Carvalho de. **Inovação e Sustentabilidade**: novos modelos e proposições. RAE-Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 50, n. 2, abr./jun, 2010. (p. 146 - 154) ISSN 0034-7590

BARBOSA, Altair Sales. **Saiba mais sobre o Cerrado**. Disponível em: <<http://www.pucgoias.edu.br/hidasi/home/secao.asp?id_secao=303&id_unidade=1>> Acessado em 03/09/2014, às 21h44min.

BATALHA, Marco Antônio. O cerrado não é um bioma. **Biota Neotropica**, v. 11, n. 1, p. 1-4, 2011.

BRASIL. Decreto nº 5,813, de 22 de junho de 2006.

_____. Medida Provisória nº 2,186-16, de 23 de agosto de 2001.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Mapas de Biomas do Brasil**. Disponível em <<ftp://geofp.ibge.gov.br/mapas_tematicos/mapas_murais/biomas.pdf>> Acessado às 23:38 do dia 05 de julho de 2015.

COUTINHO, Leopoldo Magno. O bioma do cerrado. **Eugen Warming e o cerrado brasileiro um século depois**. São Paulo: Unesp, p. 77-91, 2000.

_____. O conceito de bioma. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 1, p. 13-23, 2006.

DE FREITAS, Ana Valéria Lacerda et al. Os raizeiros e a comercialização de plantas medicinais em São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 2, p. 147, 2012.

DE QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Sociologia-O Catolicismo Rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 5, p. 104-123, 1968.



ANAIS - Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – SEPE
Os desafios para a formação do sujeito e os rumos da pesquisa e da extensão universitária na atualidade - 26 a 28 de agosto de 2015.

DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo (Coord.).
Farmacopéia Popular do Cerrado. Goiás: Articulação Pacari (Associação Pacari), 2009. ISBN: 978-85-62918-00-1

DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GARCIA, Virgílio Tomas. **Dinâmicas urbanas recentes: o setor terciário, descentralização e a formação de novos pontos de comércio em Anápolis (GO)**. 2012.

GRISI, Breno Machado. **Glossário de Ecologia e Ciências Ambientais**. 3ª edição revisada e ampliada. João Pessoa, 2007. Disponível em <<http://www.em.ufop.br/ceamb/petamb/caribo_ost_files/glossario_20de_20ecologia_20e_20ciencias_20ambientais.pdf>> Acessado em 27 de julho de 2015 às 19:20.

HALBWACHS, Maurice; SIDOU, Beatriz. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **vamos conhecer o Brasil: nosso território: biomas**. Disponível em <<<http://7a12.ibge.gov.br/pt/vamos-conhecer-o-brasil/nos-so-territorio/biomas>>> Acessado às 23:04 do dia 05 de julho de 2015.

LIMA, Jordana Rezende Souza et al. **Etnobotânica no Cerrado: um estudo no assentamento Santa Rita, Jataí (GO)**. 2013.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. **Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX**. 2004.

MENON-MIYAKE, Mônica Aidar et al. Efeitos da *Luffa operculata* sobre o epitélio do palato de rã: aspectos histológicos. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, v. 71, n. 2, p. 132-138, 2005.

Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

MORGAN, Lewis Henry. **A sociedade antiga**. Expresso Zahar, 2014.

ORTIZ, Fernando. Do fenômeno social da transculturação e sua importância em Cuba. Trad. Livia Freitas. In: **Antologia de Textos Fundadores do Comparatismo Literário Interamericano**. Porto Alegre: CNPq, 2001.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTO, Liliana. **A Ameaça do Outro: magia e religiosidade no Vale do Jequitinhonha (MG)**. São Paulo: Attar editorial, 2007. 262 p.

REYMOND-RIVIER, Berthe. **O desenvolvimento social da criança e do adolescente**. Aster, 1977.

SANTILLI, Juliana. **Conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade: elementos para a construção de um regime jurídico sui generis de proteção**. II Encontro Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, Indaiatuba/SP: 26 a 29 de maio de 2004.



ANAIS - Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – SEPE
Os desafios para a formação do sujeito e os rumos da pesquisa e da extensão universitária na atualidade - 26 a 28 de agosto de 2015.

VALENTE, Cidney Rodrigues. Caracterização Geral e Composição Florística do Cerrado. In.: GUIMARÃES, Lorena Dall’Ara; SILVA, Maria Aparecida Daniel da; ANACLETO, Teresa Cristina (Org.). **Natureza viva: Cerrado.**

Goiânia: Ed. da UCG, 2006.

WALTER, Bruno Machado Teles. **Fitofisionomias do bioma Cerrado: síntese terminológica e relações florísticas.** 2006. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília.